André Pomponet

Rumores dos quartéis abafam a democracia

André Pomponet - 26 de setembro de 2017 | 14h 25

Tudo indica que, a partir daqui, quem acompanha o noticiário político vai precisar prestar atenção nos rumores que vêm dos quartéis. Afinal, um general anunciou a possibilidade de uma "intervenção militar" caso o Judiciário falhe na sua missão de combater a corrupção. Passível de punição pelas declarações, o militar teve suas palavras relativizadas pelo chefe numa entrevista. Este até saiu arranjando justificativas, colocando panos quentes, negando punição, quase aquiescendo.

Acuado, o ministro da Defesa, Raul Jungmann, saiu com uma nota chocha, protocolar, evasiva, acomodatícia. E o chefe supremo das Forças Armadas – Michel Temer (PMDB-SP), o mandatário de Tietê – ouviu calado toda a afronta. Sequer franziu o cenho, fez os consagrados muxoxos e – menos ainda – encenou arroubos retóricos com aquele vocabulário de rábula do século XIX.

Desde os primeiros momentos da ascensão emedebista que ficou patente o medo do mandatário de Tietê dos militares. Primeiro, livrou-os da reforma da Previdência com desculpas esfarrapadas; mais recentemente, encampou um reajuste para a categoria, sonegando o mesmo para os demais servidores da União. Difícil demonstração mais eloquente de medo.

Os comentários despretensiosos, quase devaneios, sobre "intervenção militar" inauguram um novo capítulo no derrocada antidemocrática que o Brasil protagoniza. Primeiro, foi o controverso *impeachment*, capitaneado por corruptos contra a corrupção; desde então, avolumou-se a escalada contra direitos elementares dos brasileiros; agora é a vez do discurso da retórica moralizadora que justifica a "intervenção militar".

Ditadura?

Os desavisados adeptos da tutela do coturno alegam que às Forças Armadas caberia a nobre função de "limpar" o Brasil dos corruptos civis. Foi o mesmo argumento empregado em 1964: parte do que legaram, todavia, foram os coronéis civis, hoje caquéticos, que durante décadas dominaram a política do País. Bem mais corruptos que os defenestrados à época.

A crença envolve, portanto, mais uma questão de fé que mera ignorância sobre a História recente do Brasil. Afinal, coletivamente, o brasileiro não amadureceu o suficiente para tomar as rédeas do seu destino: desde sempre recorre à tutela, à governança autoritária, às soluções mágicas e, invariavelmente, catastróficas. Tudo para fugir de suas responsabilidades intransferíveis.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

AS MAIS LIDAS HOJE

Descontando uns poucos jornalistas mais responsáveis, as declarações dos militares estão sendo encaradas com desconcertante naturalidade pela imprensa e pela própria sociedade. Alguns parecem ansiosos pela instituição de uma nova ditadura. Outros não conseguem dimensionar a extensão de uma transição, sem subterfúgios, para um regime de exceção.

O controverso *impeachment* costurado por corruptos notórios – alguns deles já presos, inclusive – e a naturalidade com que as especulações sobre a "intervenção militar" são recebidas mostram que o recreio democrático que se estendeu durante 30 anos no Brasil estertora desde o ano passado. Dá para reverter? Só com o povo na rua. Mas aí já são outros quinhentos...

André Pomponet

LEIA TAMBÉM

Cunha estava certo: Brasil precisa de misericórdia divina

Centro de Abastecimento desaparece na paisagem feirense

A interminável espera para o recadastramento biométrico

Denúncia contra Temer e ministros dev analisada em votação única, defende M

5 Novo Comandante Luziel Oliveira